

O Humor e sua relação com o brincar*

CAROLINE MILMAN**

*“A realidade é dura, mas ainda é o único lugar
onde se pode comer um bom bife...”*
(Woody Allen)

RESUMO – Este artigo busca compreender o lugar do humor na condição humana e suas possíveis relações com o brincar. A partir de dois fragmentos clínicos, um com presença e outro com ausência de espaço para o humor, é realizado um breve desenvolvimento teórico sobre o brincar e sobre o humor na psicanálise. Considera-se que, apesar do humor ter íntima relação com o brincar, ele pode não ser necessariamente seu herdeiro direto, mas sim um elemento específico do brincar, que reflete uma boa capacidade de ego conquistado ao longo do amadurecimento emocional.

PALAVRAS-CHAVE – Humor. Brincar. Condição humana

Humor and its relation to playing

ABSTRACT – This article seeks to understand the place of humor in the human condition and its possible connections with playing. From two clinical fragments, one with and another without room for humor, it is made a brief theoretical development about playing and humor in psychoanalysis. It is considered that, despite humor being in close connection with playing, it may not be necessarily a direct heir, but rather one of playing's specific elements, that reflects a good ego capacity achieved throughout emotional maturity.

KEYWORDS – Humor. Playing. Human condition

Introdução

Este artigo foi baseado em minha participação na XI Jornada do Instituto Bion, que tratou sobre o horror e o humor na condição humana. A pergunta sobre a qual me coube refletir, na ocasião, era se o humor seria ou não herdeiro direto do brincar. Percebi que o “humor”, diferentemente do “brincar”, não havia sido um tema muito explorado por mim até então. Logo pensei nas pessoas dotadas de senso de humor, e naquelas mais serias e sisudas. Ficava evidente, numa olhada geral, que pessoas bem humoradas tinham um recurso a mais para

* Trabalho apresentado na XI Jornada do Instituto Bion: “Horror e humor na condição humana”- setembro de 2015

** Psicóloga, psicanalista (SBP de PA), professora e supervisora do CEAPIA

lidar com a precariedade da vida. Mas como esta capacidade seria alcançada e qual sua relação com o brincar? Intercalar estes dois assuntos, portanto, foi uma tarefa a qual aderi com muito interesse. Se hoje entendo que o brincar é uma atitude humana perante a vida, como pensar no humor como um herdeiro? Que grau de parentesco é esse? O brincar e o humor são irmãos, primos ou parentes distantes?

Presença ou ausência de senso de humor na clínica - dois breves exemplos

As duas situações clínicas que serão apresentadas visam somente funcionar como estímulo na produção das ideias que seguirão, não sendo objetivo deste trabalho qualquer aprofundamento no material de tratamento ou na história de cada uma.

Marina está comigo em sessão. Tem 9 anos, vive uma vida difícil em relação a amizades no colégio e embora lute muito por seu espaço e tenha inúmeras contribuições a fazer, esbarra sempre num impasse de grandes proporções pessoais. Ela tende a ser rechaçada porque suas crises de mau humor assustam os colegas gerando uma nuvem carregada em torno dela, que obriga o pessoal a se defender. Quanto mais ela percebe o efeito de suas ações tempestuosas, mais tempestuosa fica e mais ela não consegue seu lugar ao sol. É em torno destas questões que gira a psicoterapia de Marina. Se ela é triste? Não, absolutamente. Mas dizer que é feliz seria falso. Seu rosto é tenso quase que permanentemente. Ela nunca está satisfeita com o que tem no momento. Ela não tolera sentir que possa ter algo pior que os outros. Ela está sempre brava e impaciente. Como eu gostaria de ouvir uma gargalhada! Às vezes imagino que Marina está correndo com as amigas e se divertindo. É isto, Marina não se diverte. Nesta sessão pega suas milhões de bonequinhas (que traz de casa porque naturalmente o que eu tenho pra lhe oferecer é insatisfatório) e como em outras sessões organiza um cenário onde amigas têm suas casas e se visitam, com o detalhe de que nunca se visitam e nada acontece entre elas, porque Marina gasta o seu tempo em vários impasses sobre quem eu vou ser e como devo ser. Como, obviamente, por mais que eu tente, não consigo ser ela, acabo precisando criar algo na cena, o que é intolerável. Pra mim também é intolerável não ser eu mesma na sessão. É intolerável pra qualquer um ser o objeto do mundo interno do outro. Mas como sua terapeuta deveria poder conter esta implosão de mim mesma em prol do trabalho terapêutico com uma paciente de funcionamento narcísico. Vou me dando conta que o que falta é um espaço transicional, uma área de lazer, de descanso, de diversão... isso ela não tem. Suas brincadeiras são um espelho da realidade. Muito reais. Não é permitido rir, ser brincalhão e inventar. Se tento, ela enfurece, diz que sou idiota, que assim não dá pra brincar. Eu também, contratransferencialmente, vou ficando séria e desanimada.

Em compensação, Suzana me dá muito ânimo. É uma mulher na faixa dos 50 anos, bem bonita e charmosa, mas que de tanto se angustiar, às vezes chega pra sua sessão “o quadro do horror”. Cabelo desgrenhado, toda torta e se põe a falar impulsivamente indo da frente pra trás, de trás pra frente, misturando os assuntos. E pára: “Tu não tá entendendo nada né.. socorro!”. Nós rimos. “Olha como eu tô, nem me arrumei, pareço uma bruxa! Tu não me deixa sair assim, eu tenho que sair daqui melhor que eu entrei, te vira!”. Rimos. E não pensem que Suzana vive num circo. Enfrenta seríssimos problemas com a filha adolescente enquanto tenta reconstruir sua vida após o divórcio. Está sempre nervosa com algo que possa dar errado (inventei uma palavra para isso, no caso dela: uma “paranoia operante”), um senso crítico cavalgar, uma mãe que depende dela, mas vou parar por aqui. Teria mais uma lista de fatores mal acomodados em sua vida, que lhe cortam a alma. Mas Suzana já vi gargalhar, e eu também, com ela.

Sem entrar em detalhes sobre a história de Marina e Suzana, com seus vários elementos e particularidades relativos ao ambiente familiar de origem, cabe destacar um aspecto que pode, talvez, ajudar a entender a presença ou ausência de humor em suas vidas. Quando os pais de Marina vieram solicitando uma avaliação, me revelaram uma agenda de atividades extraclasse, que custei a crer que fosse possível ou viável. Todos os dias da semana estavam lotados, incluindo aulas de pilates, fisioterapia, natação, artes, teatro, inglês e jazz. À noite rotina de temas e leituras. Ainda coube psicoterapia na agenda a partir de minha indicação. Suzana, numa de suas primeiras sessões me conta que desde cedo aprendeu a se virar sozinha. Ajuda e acompanhamento eram itens precários em sua vida. A mãe tendo outros afazeres que lhe tomavam toda energia e o pai enredado numa depressão. Um dia, quando tinha por volta de 8 anos ela achou que estava precisando organizar sua rotina e escreveu toda a agenda da semana, por hora. Ao final desta folha (guardada até hoje) está uma observação: “Se estiver cansada pode brincar um pouco”.

O Brincar

Tento compreender o brincar por onde todos da minha geração começaram: por Melanie Klein. Em substituição à associação livre do adulto, o brincar em crianças era a forma de expressão do mundo interno (Klein, 1997). Brincar-crianças/ falar-adultos. Também havia uma linha de reflexão baseada na vida pulsional. O brincar associado ao princípio do prazer, em forma de descarga. O brincar do jogo do carretel, que nos ensinou, em Freud (1920/1976) que há algo além do princípio do prazer; que o ego pretende primeiramente trazer as experiências para o seu domínio. Como não se consegue isto facilmente nos traumas, os conteúdos ficam girando, girando, orbitando, batendo incessantemente na porta do ego. O brincar também poderia ser visto na cadeia entre sexualidade e sublimação. Uma nobre descarga de impulsos. Bion (1962/1994) ajudaria a

pensar que o brincar pressupõe uma capacidade da mente de gerenciar seus próprios conteúdos, assim como o pensar e o sonhar. Depende de que eles se acomodem na mente após terem sido evacuados e depois reassimilados através da capacidade de reverie materna. Somente assim uma necessidade imperiosa pode satisfazer-se com a formação de um símbolo. Um símbolo é o que se pode fazer construtivamente com a falta e que permite que o aparelho mental siga vivo e criativo. Esta é outra via toda própria de entender o brincar: a via simbólica. As frustrações derivadas do princípio de realidade sendo a base para tal. E então surgem autores como Anne Alvarez em seu livro *Companhia Viva*, questionando uma certa ênfase, nos modelos psicanalíticos então vigentes, a ver a vida mental surgindo a partir de experiências de frustração. Nas pesquisas desenvolvimentais citadas por ela observou-se que o estado ideal do bebê de máximo alerta para a aprendizagem e exploração era quando estava satisfeito em suas necessidades. Acordados, sem fome, tranquilos. (Alvarez, 1994). Com Winnicott, enfim, começa todo um desenvolvimento no campo das ideias sobre o brincar, culminando com a noção de que o brincar constitui-se numa experiência humana de base. Até chegar a este enunciado, Winnicott percorreu um longo caminho, partindo igualmente de Klein. Como uma primeira ideia no avanço de suas teorias, o brincar foi situado numa zona intermediária de experiência, a qual chamou de “área dos fenômenos transicionais”. (Winnicott, 1951/1975). Como sabemos, Winnicott incluiu concretamente o ambiente externo como co-participante da capacidade de brincar do bebê. E de que forma se dá esta sociedade? A mãe adapta-se completamente no início às necessidades do bebê e vai promovendo desilusões muito gradualmente, de acordo com a crescente capacidade deste bebê em tolerar seu afastamento, o que Winnicott chamou em sentido metafórico de desmame. A medida que a mãe se afasta, uma imagem mental dela é criada dentro do bebê, na qual ele pode investir por um breve tempo. O objeto interno está vivo. Entretanto, para que ele se mantenha vivo é preciso que a mãe real apareça. Se o tempo até isto acontecer for muito longo o objeto interno morre. Para que se crie o campo transicional é preciso que haja duas vidas: o objeto interno e o objeto externo (real – com sua voz, seu cheiro, seus ossos). O simbólico portanto, para Winnicott, não está localizado no mundo interno, e sim num terceiro espaço criado entre o interno e o externo, mas que contem os dois. O símbolo, ou a área do brincar, se desenvolve diretamente da interação com um outro disponível, que deixa sua marca viva dentro do bebê. O que acontece fora do campo transicional ou é alucinação, se fica recluso ao mundo interno, ou submissão, se o mundo interno é minimizado a favor do externo. O brincar pode se manifestar de muitas formas: de forma rígida, obsessiva, compulsiva, mas para Winnicott o brincar verdadeiro, o que envolve criatividade, somente ocorre no campo transicional. Mais adiante em sua obra, ele vai às últimas consequências com a questão do brincar e diz que o brincar é o ser. Equivale a viver uma vida que tenha sentido pessoal, que não é um produto da infância, mas do ser humano. É um modo de viver, de conexão

com quem se é e aí se afasta muito da visão do brincar como uma sublimação de instintos. Ele comenta que a satisfação envolvida no brincar é tão diferente da satisfação instintiva, que para ele, não é útil associar o brincar à sublimação de instintos. Prefere pensar que esta área tem mais a ver com necessidades egóicas, de construir um senso de si mesmo, sentir-se criativo e real na vida. O brincar criativo envolve em suas origens a possibilidade do gesto espontâneo e do acolhimento deste pelo ambiente. O bebê para quem é dada a chance de sentir-se o criador de todas as coisas, entra no mundo com vantagens. O brincar criativo é o ser criativo. E ser criativo envolve a possibilidade de criar o mundo, o seio, mas para isso, o mundo deve estar lá para ser criado. Este é o paradoxo formador de uma base para o viver criativamente. Por isso, dizia Winnicott, que o brincar é terapêutico por si só. (Winnicott, 1975). O brincar não gera herdeiros, ele é herdeiro de um bom começo e segue sendo o vetor de saúde num indivíduo em sociedade.

O Humor

Então, se o brincar não gera herdeiros, o humor é o que do brincar? O humor é um aspecto interessantíssimo do ser humano. Freud (1905/1969) esteve envolvido com este tema, por exemplo, no exame dos chistes. O que gera o riso? De um modo geral o cômico ficou associado à possibilidade da pessoa defender-se de uma vivência dolorosa, burlando a censura ou afastando a representação da realidade penosa. A questão seria pensar o que faz com que estes mesmos mecanismos se tornem patológicos ou saudáveis. Freud no artigo sobre o Humor, de 1927, (1927/1974) tenta explicar o fenômeno humorístico baseado nas ideias de superinvestimento do superego, que trataria o ego como um adulto trata uma criança, lhe dizendo: isto não é nada, você está exagerando, essa experiência não é tão dolorosa quanto parece. Neste caso então o superego se apresentaria benevolente e protetor. Ricardo Avenbrug (2014) em seu comentário sobre o texto do Humor em Freud, não se satisfaz com esta explicação. Fala que o humor não é um mecanismo de defesa e sim o processamento de uma situação intolerável. Frente à realidade dolorosa o sujeito retém o desenvolvimento do desprazer e é consciente disso e o transforma numa brincadeira, e é consciente dela. Existe portanto a necessidade de um eu forte para que consiga dar-se conta de todo o processo. Numa defesa o eu invariavelmente enfraquece, e não é isso que vemos no humor. O trabalho de Daniel Kupermann (2010), "Humor, desidealização e sublimação na psicanálise", traz, entre várias contribuições, a ideia de que no humor existe um paradoxo. No exemplo de Freud, onde o condenado está indo para a morte numa segunda feira e diz: "a semana está começando bem", vê-se claramente que o eu reconhece a iminência da morte e ao mesmo tempo triunfa sobre ela. Portanto o triunfo narcísico coexiste com o desapego narcísico. Avança em seu trabalho evidenciando que o dito espiri-

tuoso é vinculado a um processo social "...abrindo a via para a ventilação do pensamento e para a criação de modos de sociabilidade até então inéditos". (Kupermann, 2010, p.197). O humor favorece o gesto criativo e pressupõe uma certa solidão, na capacidade que o humorista tem de rir de si mesmo. Há um exame consistente sobre a vinculação do humor com o conceito de sublimação. O autor sugere que o problema deste conceito na psicanálise relaciona-se com sua fragilidade teórica. Até certo ponto esta fragilidade teve a ver com a questão dos paradoxos. No processo sublimatório haveria a presença simultânea da dimensão ilusória e criativa, agressiva e terna, dolorosa e alegre. Ambos os processos, sublimação e humor, "...se situam na fronteira entre a defesa frente a angústia promovida pelos excessos pulsionais e o movimento criador, encontram suas fontes originárias no brincar infantil, indicam uma afirmação do sujeito e de suas experiências de prazer e de alegria apesar do reconhecimento dos limites impostos a qualquer triunfo onipotente e finalmente produzem uma modalidade de laço social baseado não na repressão pulsional mas no compartilhamento afetivo"(Kupermann, 2010, p. 200).

O humor é daquelas manifestações que dão margem a várias formas de compreensão. Uma pessoa bem humorada pode significar que está equilibrada emocionalmente. Isto não é necessariamente o mesmo que possuir senso de humor. O senso de humor parece estar mais associado a um refinamento nas capacidades egóicas. Poder rir da própria tragédia. O humor também pode converter-se num instrumento defensivo, uma espécie de elevação permanente para lidar com a dor psíquica. A via do humor, como tantas outras, é uma das possibilidades de gerenciamento dos conteúdos mentais. Sendo assim, podemos presumir que os mecanismos identificatórios ajudam na "escolha" deste caminho. Filhos tenderão a identificar-se com o padrão de uso do humor, se este estiver presente na família.

Considerações finais

Como se pode ver, há vários níveis de aproximação ao tema do "humor". Para a finalidade deste artigo, escolheu-se examinar os pontos de entrecruzamento com o brincar. Deste modo, e para finalizar, podemos considerar que o humor é mais um dos elementos que frutificam no campo transicional. A presença do paradoxo em que o dentro e o fora coexistem sem negação mútua, a criatividade e o eu forte, são elementos que aproximam o humor e o brincar. Quem sabe poderíamos dizer que o brincar é o todo, a área onde se vive, e o humor é uma de suas possibilidades. Neste caso, não seria exatamente seu herdeiro, mas uma faceta.

Segue para discussão as possíveis bases orgânicas para o humor: se há uma predisposição genética maior ou menor nas pessoas, se o humor está presente na espécie humana, assim como o brincar, como tendência natural. Seja como

for, parece correto considerar que a possibilidade de ter havido na vida infantil conexões muito especiais com figuras de ligação fará com que qualquer recurso potencial se expanda e floresça no campo da experiência humana. Sem isso a vida fica enrijecida, sem flexibilidade, na base do tudo ou nada. Difícil ter bom humor quando o que está em jogo é sempre a sobrevivência.

Referências

- Alvarez, A. (1994). *Companhia viva*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Avenburg, R. (2014). Comentarios al trabajo “El humor” de Sigmund Freud. In: *Conversaciones con Freud* (pp. 19-25). Ediciones Biebel: Buenos Aires.
- Bion, W. (1994). Uma teoria sobre o pensar. In: *Estudos psicanalíticos revisados* (pp. 127-137). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1962).
- Freud, S. (1969). Os chistes e sua relação com o inconsciente. (James Strachey Ed.), *Edição Standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. VIII). Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- _____. (1976). Além do princípio de prazer. (James Strachey Ed.), *Edição standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. XVIII, pp 17-85). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- _____. (1974). O humor. (James Strachey Ed.), *Edição standard das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. XXI, pp 189-194). Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1927)
- Klein, M. (1997). Fundamentos psicológicos da análise de crianças. In: *A psicanálise de crianças*. (pp 23-35). Rio de Janeiro, Imago.
- Kupermann, D. (2010). Humor, desidealização e sublimação na psicanálise. *Psicologia Clínica*, vol. 22, n. 1, pp 193-2017.
- Winnicott, D. W. (1975). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: *O Brincar e a realidade*. (pp 13-44). Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1953).
- _____. (1975). O brincar – uma exposição teórica. In: *O brincar e a realidade*. (pp 59-77). Rio de Janeiro, Imago.